

O «Hino a Pã» de Fernando Pessoa

tradução (traição) tradição¹

Helena Barbas

*CENTRIA e DEP/FCSH Universidade Nova de Lisboa,
Av. de Berna, 26-C, 1069-061 Lisboa, Portugal,
+3517933519 – hebarbas@fcs.unl.pt*

Abstract: Coteja-se o original «Hymn to Pan» de Aleister Crowley/Master Therion com a tradução feita por Fernando Pessoa. Procura ver-se como os desencontros entre os poetas e os desvios ao poema foram premeditados, e de que modo as discrepâncias se coadunam com a prática e teorias pessoais sobre o paganismo. Faz-se uma biografia sumária do deus Pã, acompanhada por uma antologia de poemas (anexo).

It is made a comparison between a literal version of the «Hymn to Pan» by Aleister Crowley/Master Therion and the Portuguese translation made by the poet Fernando Pessoa. We propose that the differences were premeditated, and are meaningful in what concerns Fernando Pessoa's particular practice and theories about paganism. It is made a brief biography of the god Pan, accompanied by an anthology (annex).

Keywords: Fernando Pessoa; Aleister Crowley/Master Therion; poemas/textos dedicados ao deus Pã; Poems/texts to the god Pan;

INTRODUÇÃO

É já famoso e tem sido muito estudado o encontro entre Fernando Pessoa e Aleister Crowley. Porém não existia qualquer estudo feito sobre o poema «Hino a Pã», da autoria do mago inglês. Pessoa, enquanto tradutor daquele texto, apropria-se dele de tal modo que leva Gaspar Simões a perguntar se Master Therion não será mais um dos seus heterónimos. Procurar-se-á pois destringir aqui as diferenças entre os dois textos, e o seu significado relativamente a poemas sobre o mesmo tema já escritos por Fernando Pessoa, bem como o seu particular conceito de paganismo. Para enquadramento das posições dos dois autores, foi elaborada uma antologia dos textos, não apenas contemporâneos, em que o tema é tratado.

1 O ENCONTRO

Em 18 de Novembro de 1929, Fernando Pessoa escreve à Mandrake Press [1], a editora de Aleister Crowley (1875-1947) [2], para lhe encomendar *As Confissões – Uma Autohagiografia* [3]. Nessa carta refere ter tomado conhecimento do livro por intermédio de um panfleto francês, e informa: «*Possuo uma obra de Aleister Crowley – 777 [4] – mas não sabia que era de sua autoria.*» [5]. Relativamente à missiva diz Miguel Roza: «*É pois com esta carta que se dá início à correspondência e ao futuro encontro entre estas duas extraordinárias personagens, bem como ao rocambolesco acontecimento que daqui adveio.*» [6]. Refere-se ao episódio da encenação do suicídio de Crowley na Boca do

¹ Comunicação apresentada no Colóquio Internacional *Fernando Pessoa, Esoterismo e Aleister Crowley*, organizado pela Câmara Municipal de Cascais (4-6 de Junho de 2000), publicada on-line em 29 de Janeiro de 2003. Texto revisto, «links» e indicações bibliográficas actualizados em 11. Junho 2006;

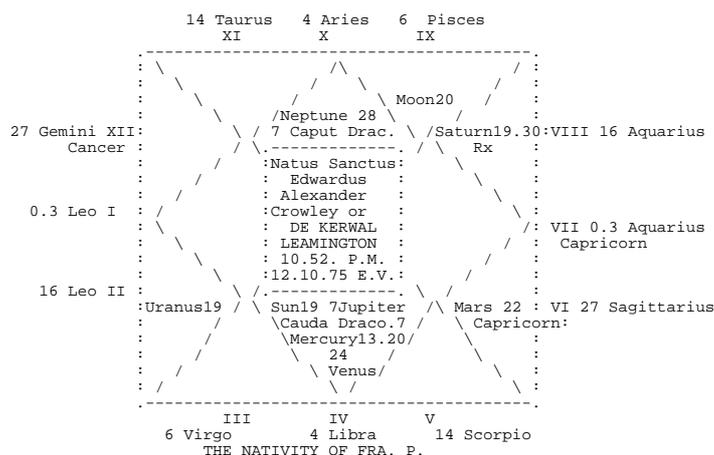
Inferno, em Cascais, que adiante se referirá, e cujos pormenores foram investigados por Luisa Alves em «Um excêntrico encontro anglo-português: Aleister Crowley e Fernando Pessoa» [7]. Em 4 de Dezembro de 1929, numa segunda carta a enviar o pagamento pelo livro, Pessoa lança o isco que irá acabar por fazer Crowley deslocar-se a Portugal:

Se tiverem, como provavelmente têm, oportunidade de comunicar com o Sr. Aleister Crowley, talvez possam informá-lo de que o seu horóscopo não está correcto e que, se ele admite que nasceu às 23h. e 16m. 39s. de 12 de Outubro de 1875, terá Carneiro 11 no seu meio-céu, com o correspondente ascendente e cúspides. Encontrará então as suas direcções mais exactas do que provavelmente as encontrou até agora. Isto é mera especulação, claro, e peço desculpa de vos maçar com esta intromissão puramente fantasista no que é, afinal de contas, apenas uma carta comercial [8]

O livro 777 é uma colecção de extremamente complexas tábuas de correspondências mágicas entre todos os elementos de todas as culturas e tradições, inaugurada com a árvore sefirótica. Mesmo para quem não perceba muito de astrologia, o facto de um mago ter a carta astrológica errada seguramente irá interferir com a escolha dos momentos correctos para executar quaisquer rituais, para não falar da escolha dos próprios rituais em si. Por outro lado, *As Confissões* haviam sido enviadas a 22 de Novembro de 1929. Pessoa teria tido tempo para ler o texto que começa assim:

Edward Crowley [...] foi o pai de um filho nascido no nº. 30 de Clarendon Square, Leamington, Warwickshire, no dia 12 de Outubro de 1875 e.v., entre as onze e doze da noite. Leão estava mesmo a erguer-se no momento, tanto quanto se pode saber. [9]

Mas o pormenor das horas, ao segundo, provam que Pessoa terá ido buscar a informação a outro lado, provavelmente à revista *Equinox* (Vol.I, nº 10, Setembro de 1913) [10], dirigida pelo inglês e onde este havia publicado o seu mapa astrológico. Aqui, Carneiro aparece na Casa 10 a meio do Céu, e Touro na casa 11:



Em 9 de Dezembro, a Mandrake Press informa Pessoa que a carta foi enviada a Crowley [11], e este responde logo dia 11, confirmando:

A hora do meu nascimento não é muito segura. No nº. 10 do primeiro volume do *Equinócio*, tomei 0º.3 a Leão nascente. Mas, a seguir, pensei que a hora poderia ser

um pouco mais tardia porque suspeito que Urano e Saturno estão entre a primeira e sétima casa, respectivamente. [12]

Crowley trata logo Pessoa por «Care Frater», e depois por Dom Fernando. Pessoa mantém correspondência tanto com o Mago inglês quanto com a Mandrake Press, mas as cartas imediatamente a seguir têm um objectivo muito pouco mágico: Pessoa envia à Mandrake, «como oferta de cortesia», 3 «pequenos livros de versos em inglês que aqui publiquei há algum tempo.» [13], informando que também enviou igual dose a Crowley, o qual na resposta dactilografada (em 22 de Dezembro de 1929) acrescenta à mão:

Considerarei, realmente, a chegada da sua poesia como uma verdadeira Mensagem, que gostaria de explicar pessoalmente. Acaso estará em Lisboa nos próximos três meses? Se assim for, gostaria de ir aí visitá-lo: mas sem dizer a ninguém. Informe-me, por favor, na volta do correio. 666. [14]

Depois de se esquivar à hipótese de se deslocar a Londres, Pessoa aconselha o mês de Março como astrologicamente o mais favorável para o encontro em Lisboa. A correspondência continua, sendo as cartas de Crowley agora enviadas em papel timbrado de outra editora, a Aquila Press que, segundo informa, pretende comprar [15]. De Crowley vai receber ainda um telegrama a avisar da chegada deste a Lisboa dia 2 de Setembro de 1930, terça-feira, no pacote «Alcântara». Vem com a sua companheira do momento, Hanni Larissa Jaeger, e traz por objectivo imediato encontrar-se com Fernando Pessoa. Crowley tem 54 anos, Hanni 19, e Pessoa 42. O casal estrangeiro fica por cá uns 15 dias, animados pelos escândalos históricos de Hanni, pela fuga de hotéis sem pagar as contas, umas escapadelas entre Sintra, Estoril e Cascais. Porém Aleister Crowley encontra-se duas vezes [16] com Pessoa, e uma delas é para combinar a encenação do suicídio na Boca do Inferno – o local que nunca devolve os corpos das suas vítimas. Uma exibição para animar Lisboa que, segundo Crowley, Deus tentou acordar com um terramoto e desistiu por não valer a pena. O caso teve direito a notícia na imprensa nacional – seja pela mão do jornalista Augusto Ferreira Gomes, seja pela do próprio Pessoa, que faz uma espécie de «necrologia» [17], tendo também repercussões internacionais [18]. No dia do «passamento» do mago, a polícia das fronteiras regista-o como tendo saído do país; Pessoa afirma que o viu a passear pelo Cais do Sodré dois dias depois – enquanto lhe escreve para Berlim [19] a comunicar a evolução da patranha. Por si, vai aproveitar o tema para esboçar um romance «policiário», a que chama o *Mistério da Boca do Inferno* [20].

Entretanto Pessoa continua a corresponder-se com a Mandrake Press, propondo a tradução de autores ingleses para português (as obras de Crowley à cabeça, evidentemente), de portugueses clássicos, e outros mais modernos (como ele próprio), uma proposta que irá ser sucessivamente reiterada [21]:

O senhor Crowley sugeriu que eu publicasse, se de algum modo fosse praticável ou desejável, alguns dos meus poemas em inglês; são os que constam dos dois cadernos que uma vos enviei, excluindo a parte chamada «Inscriptions» e acrescentando um poema que, com «Antinous» e «Epithalamium» fariam um significativo tríptico. Ao

livro – talvez caderno – formado por estes três poemas, o Sr. Crowley prontificou-se muito amavelmente a escrever o prefácio e ninguém melhor do que ele poderia prefaciá-lo tal volume. [22]

Datou-a de 12 de Setembro. Portanto, durante a estadia de Crowley que lhe envia uma nota de um Hotel no Estoril: «Tenho muito para lhe dizer, além da questão das traduções e das edições.» [23]

Do aspecto menos esotérico da correspondência pode deduzir-se que os dois «magos» andariam a tentar enganar-se um ao outro. Pessoa a diligenciar para que a sua obra fosse publicada em Inglaterra, acenando com a hipótese de a Mandrake Press abrir uma sucursal em Portugal e exportar livros para o Brasil; a Mandrake, com a esperança de fugir à falência vendendo acções a Pessoa; Crowley à espera que Pessoa lhe arranjasse um capitalista para a sua outra editora Aquila Press, e a pedir-lhe horóscopos que lhe garantissem que iria conseguir dinheiro para poder manter o nível de vida que até então sustentara; a tentar ainda que os seus textos fossem traduzidos e publicados também em Portugal; Pessoa a traduzir O «Hino a Pã» de Crowley, a prometer-lhe publicá-lo, e a fazer pouco por isso.

Depois da partida/suicídio de Crowley/Mestre Therion, continua a correspondência entre este e Pessoa. A primeira referência ao «Hino a Pã» aparece numa carta datada de 3 de Dezembro de 1930, como uma espécie de oferenda apaziguadora por um silêncio epistolar mais prolongado:

Escrevi-lhe esta manhã e estou a escrever-lhe outra vez, com uma espécie de oferta de paz para o Eleventh Circle mencionado numa sua carta anterior.

Estou a enviar-lhe um dos produtos do meu recente repouso inquieto – uma tradução para português do «Hino a Pã», de Mestre Therion. A seguir mandar-lhe-ei uma tradução literal dessa tradução, por forma a que o referido círculo possa ser consultado quanto à interioridade.

Como o português têm a mesma maleabilidade e fluidez do inglês (é a única língua latina a tê-las), não houve nenhuma dificuldade radical na tradução. O ritmo do original foi rigorosamente mantido e a sua forma e cor do sentido não se perderam. Mas há, necessariamente, alguns afastamentos do literal; o principal deve-se ao facto de que, enquanto Man rima perfeitamente com Pan, «homem» já não dá tanto jeito. O verso português «Meu homem e afã» significa «My man and my desire!» e assim não se afasta muito da Marca.

Nalguns casos a literalidade é notável: «With the lonely lust of devildom» resulta em sibilantes e agudos (sibilantes sublinhadas a vermelho agudos a azul – os sons S e I). [24]

Em primeiro lugar, Pessoa evita dizer que o «Hino a Pã» é de Aleister Crowley, e refere-se-lhe quase sempre como sendo propriedade do Mestre Therion. Depois, nem a língua portuguesa e o inglês são próximos em «maleabilidade e fluidez», nem Pessoa se manteve fiel ao texto original.

Em 6 Dezembro seguinte escreve a Gaspar Simões:

Como v. se interessou tanto por «O Último Sortilégio», envio-lhe, como simples curiosidade, a tradução que fiz, do inglês, de um poema «mágico a valer» – o «Hino a Pã» – que constitui o prefácio do tratado Magia do Mestre Therion. Este poema não é para se publicar, mas só para v. ler. Também lhe peço que o não mostre a muita gente. Não digo que se não pudesse publicar, mas o ponto é que, para isso, seria precisa a autorização do Mestre Therion; e o Mestre Therion desapareceu, não se sabendo se se suicidou (como a princípio eu mesmo acreditei), se simplesmente se escondeu, se foi assassinado (estranha hipótese, em princípio, mas que, ao que me

consta, é – ou pelo menos foi – a do polícia inglês que aqui esteve a investigar o caso). [25]

Gaspar Simões desconfia que Mestre Therion é mais um heterónimo pessoano – como lho pergunta em 16 de Dezembro de 1930: «*Escrever-lhe-ei mais longamente a propósito da poesia de Mestre Therion. É curiosíssima. Quero porém que me desvende o mistério. Não será o Mestre outro heterónimo?*» [26]. Assunto a que Pessoa dá a seguinte resposta em 4 Janeiro de 1931:

O Mestre Therion não é heterónimo meu; é simplesmente o «nome supremo» do poeta, mago e astrólogo e «mistério» inglês que em vulgar se chama (ou chamava) Aleister Crowley, que também se designava por «A Besta 666». O «Hino a Pã» é uma espécie de prefácio ao trabalho intitulado *Magick* (Magia), que foi publicado em Paris, em quatro tomos. Crowley mandou vir de Inglaterra um tratado desses para mim; recebi-o, por sinal, já depois de o Crowley ter desaparecido de Lisboa em circunstâncias misteriosas.

Lembrei-me um dia de traduzir o «Hino a Pã», o que fiz, conforme o meu critério de traduzir o verso, em absoluta conformidade rítmica com o original. Mandeí a v. o poema para, como lhe disse, v. ver o que é propriamente um «poema mágico» em comparação com um simples «poema a respeito de magia», como é o meu «O Último Sortilégio».

Reflecti, depois de lhe escrever, sobre o que lhe havia dito de o poema não dever ser publicado. Não vejo, afinal, inconveniente nisso, se v. achar interessante publicá-lo. Tem, pelo menos, a vantagem de ser singular: não creio que haja em português (natural ou traduzido) outro poema precisamente dessa ordem. Pode, pois, v. publicá-lo se quiser. Para esse fim lhe envio uma nova cópia, em que ajustei (creio) a ortografia, e fiz umas pequenas modificações. [27]

Desta última carta pode deduzir-se que existiram inicialmente duas versões do «Hino a Pã», com diferenças ligeiras ou não. Gaspar Simões publicaria qualquer coisa que Pessoa lhe indicasse: note-se que o pedido da carta anterior é para «não» divulgar o texto. Na correspondência seguinte trata de pormenores práticos. Diz a Gaspar Simões, em 7 de Fevereiro de 1931:

não é, talvez, rigorosamente preciso que v. perca tempo enviando-me provas do original, enviado por mim, que aí tem. Confio na sua revisão. Verifico apenas que, na cópia que lhe mandei da minha tradução do «Hino a Pã», segunda página, deixei de pôr, algumas vezes, o circunflexo na exclamação «Iô!». Na verdade, não devia ser preciso, mas pu-lo porque quis evitar que qualquer desprevenido se pusesse a pronunciar «io» como na palavra «rio». Convêm por isso pôr «iô» em todos os casos. [28]

O que indicia, além de uma terceira versão do Hino, que o poeta esperava que os versos fossem lidos em voz alta. Numa carta posterior (4 de Abril) confirma-se que o atraso de publicação poderá ser imputado ao próprio Pessoa. Diz ainda a Gaspar Simões:

Recebi sim, a *Presença*, e achei o número muito bom. [...] Quanto à disposição gráfica da minha colaboração, está perfeitamente bem: em que é que v. supunha que eu a pudesse achar imperfeita?

Com muito prazer lhe enviarei colaboração para o número seguinte, e como é o número de aniversário, e vocês querem naturalmente incluir o maior número possível de colaboradores que o têm sido, enviarei colaboração minha e dos heterónimos todos. [29]

Numa das últimas trocas de correspondência com Crowley, em 13 de Fevereiro de 1931, Pessoa havia-lhe prometido:

A segunda coisa é que a tradução do «Hino a Pã» será publicada no número de Janeiro-Fevereiro da *Presença*, de Coimbra. O meu «O Último sortilégio» foi publicado no número de Novembro-Dezembro. Assim que sair o número de Janeiro-Fevereiro mandar-lhe-ei um exemplar. Julgo que será dentro de uma semana. [30]

Mas instala-se um silêncio que suscita várias tentativas unilaterais de comunicação por parte do inglês. Em 25 de Fevereiro escreve-lhe Crowley: «*Gostaria de ver o Girassol, e mais ainda a sua tradução do Hino a Pã.*» [31]. Sete meses depois, a 18 de Setembro de 1931, lastima-se: «*Mas o que é que lhe aconteceu? Nem uma palavra nestes meses todos – deve-me várias cartas, para não falar na revista com a sua tradução do «Hino a Pã», na novela policial e naquele gordo capitalista.*» [32]. A 5 de Outubro de 1931 Fernando Pessoa escreve na sua última carta a Aleister Crowley:

A tradução do «Hino a Pã» foi enviada à *Presença* bastante tarde para o número que saiu em Maio; o número seguinte foi o do aniversário e publicaram apenas coisas de antigos colaboradores. Espero, contudo, que a tradução apareça no próximo, que sairá a qualquer momento, entre agora e o fim do ano. Esta *Presença* é a única revista nossa realmente literária e a sua publicação é, evidentemente, irregular. Mal a tradução seja publicada, enviar-lhe-ei um exemplar. [33]

Que nunca terá enviado. Mas pergunta a Gaspar Simões pelo texto:

... queria saber ao certo se no próximo número (e quando sai ele?) virá publicada a minha tradução do «Hino a Pã» do Aleister Crowley.

O Crowley que, depois de se suicidar, passou a residir na Alemanha, escreveu há dias e perguntou pela tradução – ou antes, pela publicação da tradução. Tinha-lhe eu escrito, aqui há meses, que ela viria publicada na *Presença* em breve. V. é que me fez entalar-me com essa declaração. Veja lá agora: não me deixe mal com o Mago! Mas, a sério, se há qualquer razão para aquilo não ser publicado, v. diga francamente. [34]

A tradução do «Hino a Pã» feita por Fernando Pessoa acabou por sair no n.º. 33 da revista *Presença* (Julho-Outubro), em 1931 [35].

2 O «HINO A PÃ»

O poema «Hymn to Pan» aparece publicado pela primeira vez na revista *Equinox* (na *Blue Equinox* – vol.III, n.º. 1, Março de 1919, pp. 5 [36]) – a revista do «Iluminismo Científico», órgão oficial da A.'. A.'. [37] desde 1909, que passara a ser dirigida por Crowley em Setembro de 1913. Depois de 1919, o poema surge – na sua totalidade – como epígrafe à grande obra de Crowley, *Magick* (1929) [38] e torna-se elemento central tanto da sua *Missa Gnóstica* [39], quanto de *Liber A'ASH vel Capricorni Pneumatici sub Figura CCCLXX* (Mestre Therion) [40]. Existem outros poemas seus dedicados ao mesmo tema: «Prologue of the Unborn» (Frater Perdurabo) [41] e «Pan to Artemis» [42] publicado num livro chamado *Orpheus* (2 vols., 1905). Vejamos então como foi o poema de Crowley traduzido pelo poeta português, e que alterações lhe introduziu relativamente a uma leitura literal que não podem ser meramente explicadas por um esforço de poeticidade:

O «Hino a Pã» de Fernando Pessoa – tradução (traição) tradição – Helena Barbas

	ALEISTER CROWLEY (1875-1947)	FERNANDO PESSOA (1888-1935)	Hino a Pã (trad. literal - H.B.)
	Hymn to Pan - 1929	Hino a Pã (de Mestre Therion) - 1931	Hino a Pã (trad. literal - H.B.)
	<i>ephrix erōti periarchēs d' aneptoman iō iō pan pan ō pan pan aliplankte, kyllanias chionoktypoi petraias apo deirados phanēth, ō theōn choropoi anax</i>		Eu estremeço em êxtase; plano nas asas da alegria subital! Oh Pã, Oh Pã, aparece-nos, pirata do mar, do abismo de pedra de Cilene batida pela neve. Rei, criador da dança para os deuses, vem, a fim de que juntando-te a nós possas fixar nos passos de Nísia e Cnósia, as tuas danças que aprendeste sozinho. Agora eu quero dançar. E possa Apolo, senhor de Delos, caminhar sobre o Mar Ícaro e juntar-se a mim sob a sua forma divina, em benevolência eterna.
	<i>SOPH. AJ.</i>		Tragédia <i>Ajax</i> de Sófocles (coral 5, vv. 695-705)
5	Thrill with lissome lust of the light O man! My man! Come careering out of the night Of Pan! lo Pan! lo Pan! lo Pan! Come over the sea	Vibra do cio subtil da luz, Meu homem e afã Vem turbulento da noite a flux De Pã! lô Pã! lô Pã! lô Pã! Do mar de além	Arrebata-te com a luxúria ágil da luz Oh homem, meu homem Vem a correr saindo da noite De Pã! lo Pã! lo Pã! lo Pã! Vem sobre o mar
10	From Sicily and from Arcady! Roaming as Bacchus, with fauns and pards And nymphs and satyrs for thy guards, On a milk-white ass, come over the sea To me, to me,	Vem da Sicília e da Arcádia vem! Vem como Baco, com fauno e fera E ninfa e sátiro à tua beira, Num asno lácteo, do mar sem fim, A mim, a mim!	Da Sicília e da Arcádia! Errando como Baco, com faunos e leopardos E ninfas e sátiros por teus guardas, Sobre um burro branco de leite, vem sobre o mar Até mim, até mim,
15	Come with Apollo in bridal dress (Shepherdess and pythoness) Come with Artemis, silken shod, And wash thy white thigh, beautiful God, In the moon of the woods, on the marble mount,	Vem com Apolo, nupcial na brisa (Pegureira e pitonisa), Vem com Artemis, leve e estranha, E a coxa branca, Deus lindo, banha Ao luar do bosque, em mármoreo monte,	Vem com Apolo em vestes nupciais (Pastora e Pitonisa) Vem com Artemisia, calçado de seda, E lava a tua coxa branca, belo Deus, À lua dos bosques, no monte de mármore,
20	The dimpled dawn of the amber fount! Dip the purple of passionate prayer In the crimson shrine, the scarlet snare, The soul that startles in eyes of blue To watch thy wantonness weeping through	Manhã malhada da âmbera fonte! Mergulha o roxo da prece ardente No ádito rubro, no laço quente, A alma que aterra em olhos de azul O ver errar teu capricho exul	A aurora com covinhas da fonte de âmbar! Mergulha a púrpura da oração apaixonada No sacrário carmesim, na rede/armadilha escarlata, A alma que se surpreende em olhos de azul Para observar a tua impudícia a lacrimejar através
25	The tangled grove, the gnarled bole Of the living tree that is spirit and soul And body and brain --- come over the sea, (lo Pan! lo Pan!) Devil or god, to me, to me,	No bosque enredo, nos nós que espalma A árvore viva que é espírito e alma E corpo e mente - do mar sem fim (lô Pã! lô Pã!), Diabo ou deus, vem a mim, a mim!	Da mata emaranhada, do nodoso caule Da árvore viva que é o espírito e a alma E o corpo e o cérebro – vem sobre o mar, (lo Pã!, lo Pã!) Diabo ou deus, até mim, até mim,
30	My man! my man! Come with trumpets sounding shrill Over the hill! Come with drums low muttering From the spring!	Meu homem e afã! Vem com trombeta estridente e fina Pela colina! Vem com tambor a rufar à beira Da primavera!	Meu homem! meu homem! Vem com trombetas troando agudas Sobre o monte! Vem com tambores murmurando baixinho Da nascente!
35	Come with flute and come with pipe! Am I not ripe? I, who wait and writhe and wrestle With air that hath no boughs to nestle My body, weary of empty clasp,	Com frautas e avenas vem sem conto! Não estou eu pronto? Eu, que espero e me estorço e luto Com ar sem ramos onde não nutro Meu corpo, lasso do abraço em vão,	Vem com flauta e vem com avenas! Não estou eu maduro? Eu, que espero e me retorço e luto Com o ar sem ramos para aconchegarem O meu corpo, cansado de abraço vazio,
40	Strong as a lion and sharp as an asp --- Come, O come! I am numb With the lonely lust of devildom. Thrust the sword through the galling fetter,	Áspide aguda, forte leão - Vem, está vazia Minha carne, fria Do cio sozinho da demonia. À espada corta o que ata e dói,	Forte como um leão e afiado como uma áspide - Vem, Oh vem! Estou entorpecido Com a solitária luxúria da servidão demoníaca Espeta a espada pelos ulcerantes grilhões,
45	All-devourer, all-begetter; Give me the sign of the Open Eye, And the token erect of thorny thigh, And the word of madness and mystery, O Pan! lo Pan!	Ó Tudo-Cria, Tudo-Destrói! Dá-me o sinal do Olho Aberto, E da coxa áspera o Toque erecto, E a palavra do louco e do secreto Ó Pã! lô Pã!	Devorador de tudo, gerador de tudo; Dá-me o sinal do Olho Aberto, E o penhor erecto da coxa espinhosa E a palavra da loucura e do mistério, Oh Pã! lo Pã!
50	lo Pan! lo Pan Pan! Pan Pan! Pan, I am a man: Do as thou wilt, as a great god can, O Pan! lo Pan! lo Pan! lo Pan Pan! I am awake	lô Pã! lô Pã Pã! Pã! Pã., Sou homem e afã: Faze o teu querer sem vontade vã, Deus grande! Meu Pã! lô Pã! lô Pã! Despertei na dobra	lo Pã! lo Pã Pã! Pã Pã! Pã Eu sou um homem: Faz como quiseres, como o pode um grande deus, Oh Pã! lo Pã! lo Pã! lo Pã Pã! Estou acordado
55	In the grip of the snake. The eagle slashes with beak and claw; The gods withdraw: The great beasts come, lo Pan! I am borne To death on the horn	Do aberto da cobra. A águia rasga com garra e fauce; Os deuses vão-se; As feras vêm. lô Pã! A matado, Vou no corno levado	Nas garras da serpente. A águia retalha com o bico e as garras; Os deuses retiram-se: Chegam as grandes feras, lo Pã! Eu nasci Para a morte no corno
60	Of the Unicorn. I am Pan! lo Pan! lo Pan Pan! Pan! I am thy mate, I am thy man, Goat of thy flock, I am gold, I am god, Flesh to thy bone, flower to thy rod.	Do Unicornado. Sou Pã! lô Pã! lô Pã Pã! Pã! Sou teu, teu homem e teu afã, Cabra das tuas, ouro, deus, clara Carne em teu osso, flor na tua vara.	Do Unicórnio. Eu sou Pã! lo Pã! lo Pã Pã! Pã! Sou teu companheiro, sou o teu homem, Bode do teu rebanho, sou ouro, sou deus, Carne do teu osso, flor da tua vara.
65	With hoofs of steel I race on the rocks Through solstice stubborn to equinox. And I rave; and I rape and I rip and I rend Everlasting, world without end, Mannikin, maiden, Maenad, man,	Com paças de aço os rochedos roço De solstício severo a equinócio. E raivo, e rasgo, e roussando fremo, Sempiterno, mundo sem termo, Homem, homúnculo, ménade, afã,	Com cascos de aço corro sobre as rochas Pelo solstício teimoso até ao equinócio. E deliro; e violo e rasgo e fendo Sempiterno, mundo sem fim, Manequim, donzela, Ménade, homem,
67	In the might of Pan. lo Pan! lo Pan Pan! Pan! lo Pan!	Na força de Pã. lô Pã! lô Pã Pã! Pã!	No poder de Pã. lo Pã! lo Pã Pã! Pã! lo Pã!

Comparando as traduções, percebe-se de imediato que Pessoa omitiu a epígrafe. Esta, enquanto «paratexto» [43] na terminologia de Genette, não poderia ser ignorada, e menos ainda aqui quando refere o *Ajax* de Sófocles. Ajax é sempre o segundo melhor guerreiro. Depois de Aquiles, depois de Ulisses. E suicida-se porque as armas de Aquiles, quando da morte deste, são entregues a Ulisses, confirmando aquela sua inferioridade. O excerto escolhido por Crowley refere a fala do coro [44] imediatamente anterior ao suicídio do herói. E o modo como o poema vai ser usado por Crowley – uma epígrafe às suas obras principais, mantendo sempre a invocação a Ajax – permite-nos concluir que se assume como o «segundo» melhor guerreiro, espoliado por um Ulisses que talvez só ele saiba quem é, e que comete suicídio na Boca do Inferno.

No que respeita ao corpo do poema, verifica-se que Pessoa censura as imagens mais evidentemente eróticas (vv. 20, 40, 43, 63). Mas a rasura principal será feita em termos de sentido (vv. 26, 30, 32, 36, 40, 43, 48, 55, 62, 63, 65), sendo esta premeditada, e «re-meditada»:

Indiquei ao Hourcade, pedindo que lho comunicasse, que há um lapso verbal na minha tradução do «Hino a Pã». O verso «E da coxa áspera o dom erecto» deve ser «E da coxa áspera o Toque erecto», sendo a palavra Toque escrita com maiúscula. Repito aqui a indicação, pedindo-lhe que faça a emenda. Se, por acaso, fosse possível eu ver as provas desta tradução, muito lhe agradecería a possibilidade. Não é que eu precise ver provas da colaboração que envio – já lhe disse que confio absolutamente na vossa revisão; é que queria reeditar a tradução, para ver se nalgum ponto menor a terei que emendar. [45]

Por um lado, Pessoa mostra uma preocupação muito particular e excessiva com a revisão deste texto, por outro, sabemos que era praticamente bilingue no que respeita ao inglês, pelo que as distâncias entre o original e o traduzido só podem ser intencionais. De um modo geral Fernando Pessoa inverte o sentido do poema, de eufórico em disfórico; usa o texto de Crowley como uma proposta que tem que ser re-conduzida, e recria os versos, dando origem a um outro poema («mágico»), e/ou re-construindo uma segunda imagem de Pã, um segundo conceito de paganismo.

Vejam os aspectos mais evidentes. O v.2, – «*O man! My man!*» – deixa de ser uma exclamação e personaliza-se – «*Meu homem, meu afã*» – passando a referir-se ao homem (um homem, ou O Homem), que é motivo de trabalhos, de preocupações para o «eu», subalternizando-se portanto o destinatário (um processo que se repete no v.26). No v.3 – «*Come careering out of the night*» / «*Vem turbulento da noite a flux*» – destrói-se a energia controlada subentendida em «correr», que passa ao desordenado «turbulento» (tumultuoso, agitado, inquieto), uma negatividade reiterada pela expressão «*a flux*», que tanto pode significar «fluxo», como «frouxo». No v. 7, «*Roaming as Bacchus*» pode sugerir uma amálgama entre as figuras de Pã e Baco, que é resolvida numa comparação; a igualdade possível é reiterada como mera semelhança no verso seguinte. O «*Come over the sea*» dos vv. 5 e 9, que literalmente se referem à viagem de Pã da Sicília e Arcádia até ao «eu» inglês, no português implicam a vinda de uma distancia maior – «... *Do mar de além*» – confirmada no verso 9 como «... *do mar sem fim*», mais longínquo portanto. Nos vv. 19-23 a mutação é mais complexa: o inglês parece sugerir que o comportamento excessivo do deus – «*thy wantonness*», implicando o desregramento

sexual – é a razão do êxtase, do acordar como alma de uma entidade definida por «*olhos de azul*»; em Pessoa – «*a alma que aterra*» – esse comportamento, um «*capricho*» adjectivado de «*exul*», ou seja degredado, expatriado – é motivo de medo-terror (de pânico), ou de uma «descida à terra» daquela mesma entidade. Depois – desde «*the tangled grove*» – o bosque, o caule da árvore, deixam de ser local do comportamento para se tornarem metáfora fálica, e evoluírem até ao que há de mais elevado no humano – «*spirit and soul/ And body and brain...*» – são «*espalmados*», esmagados, e mais uma vez atribuídos a, transformados em propriedade de, o «*mar sem fim*». No v. 30, a palavra «*spring*», com minúscula, aparece traduzida por «*primavera*», quando o seu sentido é «*nascente de água*», ou «*mola*». No v. 32, a palavra «*ripe*», como sentido de maduro, apto a ser colhido, é minimizada em «*estou pronto*». Também os vv. 33-44 sofrem alterações mais do que poéticas: em Crowley, há a ideia da carência emocional/amorosa pelo vazio dos ramos/abraço, que jogam com mais uma desmesura – «*I am numb*» –, um cansaço/anestesia que, tendo em conta os seus outros escritos sobre rituais sexuais (a eroto-comatose, p. ex. [46]), corresponderá a um esgotamento físico pelo excesso, que se confirma em «*lonely lust of devildom*», a luxúria da servidão, demoníaca no sentido que implica trabalhar para os outros; em Pessoa, num dos momentos mais disfóricos da tradução, a carência afectiva é apresentada como meramente alimentar em «*nutro*», o «*abraço*» é inútil, e diz «*...está vazia/ Minha carne fria*», sugerindo antes, por excesso, um ascetismo. Nos vv. 42-44, ao deus que «*tudo devora*» e «*tudo gera*» é feito um pedido, hierarquizado: «*Give me the sign of the Open Eye,/ And the token erect of thorny thigh,/ And the word of madness and mystery,*», pede-se a visão superior, a dádiva da erecção, a palavra da loucura e do mistério; em Pessoa a ordem dos apodos divinos é invertida: primeiro cria, depois destrói; seguidamente vem o verso que tanta preocupação teve em alterar: «*E da coxa áspera o Toque erecto,/ E a palavra do louco e do secreto*», «*Toque*» é pancada, mas também som, e desvirtua-se a inferência fálica; por sua vez a palavra do louco é diferente da palavra extática da loucura divina, e o secreto não tem o numinoso do mistério. No vv. 50-51, mais uma pequena variação que afecta o sentido: Crowley diz «*...I am awake/ in the grip of the snake*», que estava e continua em estado de alerta, enquanto Pessoa diz «*despertei*», ou seja, passou do estado de sono ao de vigília. Nos vv. 54-56 Crowley invoca um destino «simbólico»: «*... I am born/ To death on the horn/ Of the Unicorn*», que em Pessoa é mais uma vez reduzido à subserviência e submissão «*Vou no corno levado*», tendo ainda em conta que «*...A matado*» tem o sentido de ser morto, mas também a ideia de «*atamancado*», «*mal-acabado*», «*ruim*», o que reduz a intenção heróica de Crowley a algo de comezinho; seguidamente o «*Unicórnio*», por via astrológica de Capricórnio, pode ser também uma prefiguração de Pã, enquanto o «*unicornado*» pode ser qualquer animal – até um rinoceronte – perdendo-se a dimensão supra-natural e/ou mitológica. A submissão vai ser confirmada nos vv. 58-60, que em inglês propõem uma identificação e progressiva igualdade entre o deus e o autor dos versos – «*I am thy mate (...) Goat of thy flock (...) I am god*» – são rendidos como «*sou teu, teu homem e teu afã*»; «*bode do teu rebanho*» aparece como «*cabra das tuas*», a palavra «*deus*» torna-se uma

apostrofe, e a metáfora fálico-profética – «*flesh to thy bone, flower to thy rod*» – muda-se em mera metonímia envergonhada. A grande inversão vai dar-se no v.65, confirmando como premeditada a troca do v. 41, quando em inglês a ordem de «Manequin, donzela, Ménade, homem», sugerindo uma hierarquia a caminho do humano como grau mais elevado da criação, é transposta como «*Homem, homúnculo, ménade, afã*», do ser adulto para o embrião, da mulher enlouquecida pelo deus para o caos de «afã»: a «ânsia», «ansiedade», «labuta», «matança», «suor» literalmente, mas também o «desejo» – o ainda não manifestado – se tivermos em conta a carta de Pessoa a Crowley (que não saberá português) a explicar-lhe a tradução: «O verso português «Meu homem e afã» significa «*My man and my desire!*» e assim não se afasta muito da Marca.» [47]

Independentemente das leituras que possam ser feitas relativamente ao facto de o conceito de paganismo veiculado por Crowley poder ser tudo o que Pessoa andara a condenar [48], e tentara emendar com a poesia de Alberto Caeiro, concentrando-o na sua *Apologia do Paganismo* [49], tê-lo-iam chocado os excessos sexuais em Crowley – pessoa e poema – mais por desinteresse do que pudor:

o pouco que sempre me interessou a sexualidade própria ou alheia – a primeira pela pouca importância que sempre dei a mim mesmo, como ente físico e social, a segunda pelo melindre (adentro da minha própria cabeça) de me intrometer, ainda que interpretativamente, na vida dos outros. [...] Não precisei do Freud para, no próprio campo da indicação conhecer, pelo simples estilo literário, o pederasta e o onanista, e, adentro do onanismo, o onanista praticante e o onanista psíquico.[50]

Isto quer dizer que nenhum dos motivos acima é suficientemente forte para levar um tradutor a alterar, ciente e sucessivamente, um texto da maneira que Fernando Pessoa o fez. Das elações que daqui se possam tirar relativamente ao trabalho feito sobre o «poema mágico» de Mestre Therion/ Aleister Crowley, a única hipótese é que a tradução e publicação do poema estão incluídos naquele que os biógrafos consideram ser o grande período de transformação do poeta:

Podemos considerar que os poemas e os textos em prosa de toda a espécie escritos durante estes últimos anos [1930-1933] constituem mais de metade da produção total. E é entre eles que se encontram algumas das suas obras mais fortes. Dois acontecimentos de natureza diferente marcam as etapas deste último percurso. Um, no Outono de 1930, é o encontro com o «mago» inglês Aleister Crowley, que arrasta o seu amigo português, durante um tempo, pelos caminhos daquilo a que chamará «a magia da transgressão». O outro é um acontecimento puramente interior, uma espécie de sismo espiritual, cuja existência só podemos inferir a partir dos textos. Mas Dalila Pereira da Costa, que estudou o pensamento religioso de Pessoa, pensa poder datá-lo com exactidão. Esta «aventura espiritual», embora não aconteça no «tempo do mundo empírico», mas no da «alma», por definição intemporal, situa-se contudo na «cronologia da sua vida física». Pode-se, diz ela, seguir a evolução desta «crise» pela leitura dos seus poemas. Começa a 1 de Agosto de 1931 por «uma tomada de consciência decisiva» em que vê que o poeta se «imobiliza» no seu ser, para «nascer de novo». E esta mudança ou esta conversão esperada cumpre-se entre a Primavera e o Outono de 1932, escalonada por alguns dos principais «poemas iniciáticos» aos quais teremos que voltar. [51]

Em termos literários há apenas a considerar que o poema é um «Hino» (portanto, com conotações religiosas, ou laudatórias) ao deus Pã. E que a tradução vai premeditadamente oferecer uma ideia diferente da figura de Pã veiculada pelo original, ou seja, re-construída sobre o texto inglês e em

oposição a ele, no momento em que Pessoa está a escrever «O Guardador de Rebanhos» [52]. Ricardo Reis também já havia tratado o tema em versos seus:

Não é porque acredite que o Deus Pã tenha morrido:
O deus Pã não morreu
Cada campo que mostra
Aos sorrisos de Apolo
Os peitos nus de Ceres –
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.

Não matou outros deuses
O triste deus cristão
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.
Pã continua a dar
Os sons da sua flauta
Aos ouvidos de Ceres
Recumbente nos campos.

Os deuses são os mesmos,
Sempre claros e calmos,
Cheios de eternidade
E desprezo por nós,
Trazendo o dia e a noite
E as colheitas douradas
Sem ser para nos dar
O dia e a noite e o trigo
Mas por outro e divino
Propósito casual. [53]

Para Fernando Pessoa, nos anos 30, o único Pagão digno desse nome é Alberto Caeiro. E nos Prefácios a ele dedicados até por Ricardo Reis – bem como noutros escritos sobre o assunto –, diz que acredita nos «*deuses, em todos os deuses*», mas de uma forma muito especial:

Um deus, no sentido pagão, isto é, verdadeiro, não é mais que a inteligência que um ente tem de si próprio, pois essa inteligência, que tem de si próprio, é a forma impessoal, e por isso ideal, do que é. Formando de nós um conceito intelectual, formamos um deus de nós próprios. Raros, porém, formaram de si próprios um conceito intelectual, porque a inteligência é essencialmente objectiva. Mesmo entre os grandes génios são raros os que existiram para si próprios com plena objectividade. [54]

A representação de Pã adquire, assim, foros de algo muito pessoal, agravado pelo facto e o deus ser sempre filho de Hermes, e de estar associado à fertilidade e reprodução. Talvez se possa afirmar desde já que, no poema, vai ser explorada/destruída uma oposição essencial entre um Pã-Eros, em Crowley, e um Pã-Anteros em Pessoa, como representantes de dois tipos de «alma», e dois tipos de tradição: o helenismo «puro» em Pessoa, versus a herança da «semi-cultura latina», misturada com a tradição da Reforma e da Revolução Inglesa em Crowley, e que a inversão é feita por motivos supra-pessoais:

Esta alma portuguesa, herdeira, por razões e irrazões que não é ainda legítimo explicar, da divindade da alma helénica, fortificou-se na sombra e no abismo. Outrora descobriu a terra e os mares; criou tudo o que o mundo moderno possui que não é antigo, pois os dois outros elementos do mundo moderno (a substituição da

cultura helénica pela semi-cultura latina, obra do Renascimento italiano, e o individualismo, obra da Reforma e da Revolução inglesa) são elementos obtidos por uma transposição de diferentes elementos de antigas religiões e civilizações: não são criados integralmente, como o oceanismo, o universalismo e o imperialismo à distância que foram os resultados conscientemente produzidos do primeiro movimento divino da alma portuguesa, do segundo estado da Ordem secreta que é o fundo hierático da nossa vida. Mas a segunda alma portuguesa só criou todas estas coisas na infância da sua força, na adolescência da sua missão transcendente. Chegará em breve o segundo dia da sua manifestação, e veremos então que aquilo que foi aventura material, conquistas de costas, de pedras, de areias, se tornará numa aventura formidável, supra-religiosa, passada nessa *No-God's Land* que fica entre os Homens e os Primeiros Deuses. [55]

Mas não parece que seja possível isolar assim as duas imagens da cultura, e da figura de Pã, tanto mais que Pessoa estudou pelos mesmos manuais ingleses, os mesmos autores que Crowley deveria ter conhecido, e foram muitos os que se debruçaram sobre o assunto, contribuindo para o fabrico da imagem do deus Pã tal qual chegou àquele poema e à sua tradução.

3 BIOGRAFIA(S) DO DEUS PÃ

Começando pela tradição clássica, Pã aparece pela primeira vez nos *Hinos Homéricos* como filho de Hermes e da bela filha de Dripos:

belíssimo de ver, com pés de bode e dois cornos – uma criança barulhenta e muito alegre. Mas quando a ama lhe viu a cara grosseira e barba adulta, teve medo e deu um salto e fugiu e abandonou a criança. Então Hermes, aquele que traz sorte, recebeu-o e assentou-o ao lado de Zeus e mostrou-o ao resto dos deuses. Então todos os imortais ficaram contentes no coração e o báquico Dionisus em especial; e chamaram ao rapaz Pã, porque lhes alegrou os corações. [56]

Deste texto deriva uma outra versão do nascimento do deus. A não identificada filha de Dripos teria por nome Penélope, vindo a ser acomodada à mulher de Ulisses, que assim não teria sido tão «fiel». Penélope teria enganado Ulisses com Antinous II, um dos seus pretendentes. Ulisses expulsa-a e ela regressa a Mantinea onde, de uma relação com Hermes, lhe nasce Pã como filho. A história da ama repete-se nesta versão [57]. Para Homero (como para Fernando Pessoa), Pã é uma entidade sempre distinta de Dionísio. E esclarece que o significado da palavra Pã – «pan» em grego – quer dizer «Tudo». Há porém a hipótese de um segundo radical, «paon» contracção do termo «pastor» vinda do dórico, que está na etimologia de «pastagem» [58], justificando-se logo aqui uma dupla origem dos atributos do deus.

Para Ésquilo existem dois Pãs, um primeiro, filho de Zeus e irmão gémeo de Arkas; um outro filho de Kronos. Ao deus vão sendo dados múltiplos nomes: Titanopan, Diopan, Hermopan, Aigipan, mas os principais acrescentos à biografia vão sendo feitos durante o período helenístico, principalmente por Pausânias: torna-se o deus nacional da Arcádia [59], filho de Zeus e Hybris [60], tem actividade oracular [61], liga-se a Deméter e às cavernas [62], às montanhas [63] e ao carvalho [64] sagrados, a santuários e templos [65], aos rebanhos de bodes [66], e provoca o medo-pânico [67]. Encontra-se um Pã das montanhas nos *Hinos homéricos*, das encostas (mais próximo de Dionísio,

porque despedaça os animais), dos bosques (denominado Silvanus). Tem fama de conquistador, tendo seduzido várias ninfas – Eco, Eufeme, e Siringe, a heroína das *Metamorfoses* de Ovídio, que se transforma nas canas das quais Pã fará a sua flauta [68].

O mais interessante é o episódio contado por Plutarco, em que uns marinheiros ouvem uma voz cava mandando-os informar as ilhas gregas que o Grande Deus Pã morreu – no momento em que, segundo os acrescentos da tradição – Cristo acabara de nascer em Belém. Episódio negado no poema de Ricardo Reis acima, e referido à saciedade por outros autores da antologia (vide anexo): Pã é o único deus que morre. [69]

Para Crowley, Pã é idêntico a Dionísio e Baco, confundindo-os premeditadamente no poema *Orpheus*. Mistura-o também com o filho, Príapo, associado à fecundidade e às colheitas, às Lupercálias (festas da celebração do lobo) [70]. O seu é o Pã das cavernas, dos abismos e montanhas (Crowley era alpinista), das guerras. Em Fernando Pessoa é distinto de Dionísio, das Ménades, do furor báquico: Pã é o deus pastor, o Guardador de Rebanhos [71] pós-cristão.

Relativamente aos autores mais recentes, e aos contemporâneos de Pessoa e Crowley, é imensa a lista dos nomes que têm poemas, peças de teatro, e outros textos dedicados a Pã (vide antologia). Da tradição inglesa, porque Crowley e Pessoa estudaram os respectivos clássicos na escola, podemos começar com «Hymn to Pan» John Fletcher (1579-1625), em que o deus surge como pai dos rebanhos que nos mantém castos; em John Milton (1608-1674) é cantada a morte de Pã, substituído por Cristo; em «Hymn to Pan», Shelley (1792-1822) louva as flautas e o amor silencioso, para depois mudar o canto e dizer como perseguiu uma donzela; Elizabeth Barret Browning (1806-1861) tem «A Musical Instrument» em que descreve o fabrico da siringe, que transforma qualquer homem num poeta; Robert Browning (1812-1889), em «Pan and Luna» conta como o deus seduziu Cíntia, a Lua; Ralph Waldo Emerson (1803-1882), no fragmento «Pan» reitera a metáfora romântica de os homens serem – não líras – mas flautas através das quais sopra o hálito de Pã, originando uma breve música. Oscar Wilde (1854-1900), que tanto incomoda Pessoa, convida Pã a abandonar os montes da Arcádia, porque o mundo moderno precisa dele. E a figura de Pã preocupa principalmente autores com interesses mais esotéricos, como Dion Fortune, que tem um conto dedicado a Pan nas *Histórias do Dr. Taverner*, e Arthur Machen, no romance *The Great God Pan*. Em todos estes a figura do deus aparece associada a, ou como metáfora de, uma energia vital, que tudo permeia, habitando um universo paralelo de fadas, ninfas e elfos, sempre à beira da racionalidade, não chegando nunca a atingir o estatuto do humano.

CONCLUSÃO

No que respeita ao «Hino a Pã» de Aleister Crowley, e à tradução de Pessoa, pode concluir-se que o Pã de Crowley personifica uma síntese da energia vital, da união entre o baixo – a metade bode – e o alto – o tronco humano, resolvida ainda na prática das mais elevadas artes da poesia e da música. Um Pã órfico e civilizacional que não é incompatível com as figurações mais primitivas do deus, e

talvez por isso a versão original do «Hymn to Pan» continue a servir como oração ritual de todo o grupo wicca que se preza, e a ser usada como letra para música de grupos rock (como os *Endura*, p.ex.).

Pessoa alterou premeditadamente o sentido do original inglês, oferecendo-nos um Pã marítimo, mais amorfo e frouxo, a caminho do abismo e do indiferenciado – ironicamente, rompendo por aqui com toda a tradição literária anterior. Também se sabe que Pessoa re-escreveu o «Hino a Pã» e, uma vez que o considerava «um poema mágico», o seu gesto corresponderá a um rifacimento desse «acto mágico», no sentido da inversão. Com que fins e objectivos, ele o saberia. Mas, em última instância, e num «Último Sortilégio» – por desvios e desencontros premeditados – acabou por se apropriar desta obra de Master Therion, que por pouco escapou de se tornar em mais um heterónimo seu.

H. B., 29 de Janeiro de 2003; rev. 11.Junho 2006;

NOTAS

[«Links» confirmados e/ou actualizados em 11.Jun.2006]

- [1] *Encontro Magick – Fernando Pessoa/Aleister Crowley*, Miguel Roza (ed.), Hugin Editores, Lisboa, 2001, pp.58-59;
- [2] Aleister Crowley, autor de renome e pintor, Mestre Supremo da Obediência Secreta da «Golden Dawn», monge tibetano e alpinista, espião, agente duplo, viajante e aventureiro, um indivíduo que aluga uma pirâmide no Egipto para aí passar três noites com a mulher, é já conhecido pela elite internacional como «o pior homem de Inglaterra». As obras (quase) completas de Crowley estão publicadas em <http://www.hermetic.com/crowley/index.html>
- [3] <http://www.hermetic.com/crowley/confess/index.html>;
- [4] *777 vel Prolegomena Symbolica Ad Systemam Sceptico Mysticae* – «A complete dictionary of the correspondences of all magical elements, reprinted with extensive additions, making it the only standard comprehensive book of reference ever published. It is to the language of Occultism what Webster or Murray is to the English language.» Trata-se de um dicionário de correspondências entre elementos mágicos publicado anonimamente em 1909, e depois 1912; in <http://www.hermetic.com/crowley/libers/liber777.pdf>;
- [5] Miguel Roza, *Op. Cit.*, pp.59;
- [6] *Ibid.*, pp.60;
- [7] Para uma análise aprofundada deste encontro, vejam-se os artigos de Luísa Alves, em particular «Um excentrico encontro anglo-português: Aleister Crowley e Fernando Pessoa», in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, F.C.S.H./F.C.T., Lisboa, 1997, pp.83-121;
- [8] Miguel Roza, *Op. Cit.* pp. 66; e também em *Fernando Pessoa – Correspondência 1923-1935*, Manuela Parreira da Silva (ed.), Assírio & Alvim, Lisboa, 1999;
- [9] «Edward Crowley, the wealthy scion of a race of Quakers, was the father of a son born at 30 Clarendon Square, Leamington, Warwickshire, on the 12th day of October 1875 E.V. between eleven and twelve at night. Leo was just rising at the time, as nearly as can be ascertained.» in *The Spirit of Solitude, An Autohagiography, Subsequently re-Antichristened, The Confessions of Aleister Crowley*, Symonds and Grant (ed.), pp.35, vide nota 3;
- [10] in <http://www.the-equinox.org/vol1/no10/eqi10010.html>:
«THE TEMPLE OF SOLOMON THE KING - {Illustrated page described: This page facing page 95 is quartered and bordered by solid black lines into four British-style astrological charts. These are represented below in the sequence top left, top right, bottom left and finally, bottom right}»
- [11] Miguel Roza, *Op.Cit.*, pp.70;
- [12] *Ibid.*, pp.73; para uma leitura astrológica mais recente do horóscopo de Crowley, veja-se Christian Bouchet, *Aleister Crowley*, Hugin Editores, 2000, pp.121-124;
- [13] *Ibid.* pp.76;
- [14] *Ibid.* pp.79;
- [15] Em 19 de Maio de 1930, *Ibid.* pp.98;
- [16] Robert Bréchon, *Estranho Estrangeiro*, (trad. Maria Abreu e Pedro Támen), Quetzal, Lisboa, 1996, pp.487;
- [17] Miguel Roza, *Op.Cit.* pp.180-192;
- [18] Israel Regardie escreve a Pessoa em 30 de Setembro pedindo-lhe para confirmar que «*não aconteceu nada*»; *Ibid.*, pp.161;
- [19] *Ibid.* pp.164;
- [20] *Ibid.* pp.399-529;
- [21] *Ibid.* pp.170, pp.214, pp.238;
- [22] *Ibid.* pp.111;
- [23] *Ibid.* pp. 123;
- [24] *Ibid.* pp.344;
- [25] M. M. Parreira, *Op. Cit.*, pp.222-223;
- [26] *Ibid.* pp.417;
- [27] *Ibid.* , pp.229-230;
- [28] *Ibid.* , pp.231;
- [29] *Ibid.* , pp. 235;
- [30] Miguel Roza, *Op.Cit.* pp.364;
- [31] *Ibid.* pp.374;
- [32] *Ibid.* pp.378;
- [33] *Ibid.* pp.382;
- [34] M. M. Parreira, *Op. Cit.*, 240;
- [35] *Ibid* pp.242;
- [36] In <http://the-equinox.org/vol3/eqv3n1/eq0301005.htm>;
- [37] Há quem lhe chame *Astrum Argentum*, ou *Argentinum* como Christian Bouchet, *Op.Cit.*; e quem considere que as iniciais nunca são «traduzidas», insinuando significarem «*Arcanum Arcanorum*», «o segredo dos segredos» – <http://www.thelema.org/aa/intro.html>;
- [38] *Magick in Theory and Practice* by The Master Therion, Aleister Crowley {Based on the Castle Books edition of New York}, pp.V-VII – in <http://www.geocities.com/gothwitches/acpreface.html>;
- [39] <http://www.hermetic.com/crowley/libers/lib15.html>;
- [40] <http://www.qblh.org/Pan/thelemicstuff.html>;

- [41] <http://home.swipnet.se/~w-40977/poetry/unborn.html>;
- [42] <http://www.poeforward.com/poetrycorner/crowley/artemis.htm>;
- [43] Gérard Genette, *Palimpsestes – La littérature au second degré*, Seuil, Paris, 1982, pp.9;
- [44], Sófocles, *Ajax coral* 5, (vv.693-705) – <http://classics.mit.edu/Sophocles/ajax.html>;
- [45] Carta a João Gaspar Simões de 1 de Novembro de 1931, in M. M. Parreira, *Op. Cit.*, pp.242;
- [46] O capítulo sobre «Lucidez eroto-comatosa» em *Liber CDXIV* – <http://www.hermetic.com/crowley/libers/lib451.html>;
- [47] vidé nota 23;
- [48] Veja-se *Fernando Pessoa e o Ideal Neo-Pagão*, Luís Filipe B. Teixeira (ed.), Fundação Calouste Gulbenkian-Acarte, Lisboa, 1996;
- [49] Fernando Pessoa, *Apologia do Paganismo*, Editorial Cultura, Porto, s/d.;
- [50] Carta a Gaspar Simões, in M. M. Parreira, *Op. Cit.*, pp.252;
- [51] Robert Bréchon, *Op.Cit.*, pp. 481-82; e diz mais adiante: «Podemos supor que o encontro com Crowley, ele próprio simultaneamente cristão gnóstico, cristão ecuménico, astrólogo, alquimista, iniciado nos mistérios da Rosa-Cruz, do Templo e da Franco-Maçonaria, terá desbloqueado a consciência de Pessoa, perdida nas suas contradições. Seja como for, é nesses anos que se seguem à sua passagem que se desenvolve, nesse universo da prisão mental e do labirinto o tema da «porta aberta». É nesse momento que os elementos esparsos do seu pensamento religioso acabam de se organizar, não como um sistema, mas antes, como diz Eduardo Lourenço, num grande mito simétrico do que foi, após a iluminação do «dia triunfal», o mito pagão, centrado sobre Caeiro...» pp.491-92; a ideia de uma transformação relacionada com Crowley é ainda reiterada nas pp.513-514;
- [52] M. M. Parreira, *Op. Cit* p.222;
- [53] *Odes de Ricardo Reis*, p.19, 12-6-1914, apud. *Apologia do Paganismo*, pp.74;
- [54] «O Divino no Paganismo», in (*Presença*, 3, 4 de Junho de 1927) in *Apologia do Paganismo*, pp.34;
- [55] M. M. Parreira, *Op. Cit.*pp. 204;
- [56] «Musa, conta-me sobre Pã, o filho querido de Hermes com os seus pés de bode e dois cornos – um amante do alegre ruído. A vaguear pelas clareiras dos bosques, com ninfas a dançar que se equilibram à beira de abismos de rochedos a pique, a chamar por Pã, o deus-pastor, de cabelos longos, desleixado. Tem por seu domínio todos os cumes nevados, os picos das montanhas e as cristas rochosas; por aqui e por ali vai por entre bosques cerrados, às vezes engodado por suaves ribeiros; outras vezes escala por entre rochas escarpadas e trepa até ao pico mais alto de onde se avistam os rebanhos. Muitas vezes corre através das altas montanhas brilhantes, outras pelas encostas dos montes desce veloz despedaçando animais selvagens, este deus de olhar penetrante. Só ao por do sol, quando regressa da caça, faz soar a sua música, tocando suavemente e baixinho na sua flauta de canas: nem mesmo o poderia ultrapassar na melodia – aquele pássaro que na Primavera florida lança o seu lamento, com voz doce como o mel, numa canção por entre as folhas. Àquela hora as ninfas de voz clara estão com ele e movem-se com pés ligeiros, cantando junto a algum ribeiro de água escura, enquanto Eco geme sobre o topo da montanha, e o deus deste lado ou daquele dos coros, ou às vezes escapulindo-se no nevoeiro, a dobra ágil com os seus pés. Sobre as costas usa uma pele de lince malhada, e delicia-se com canções agudas num prado onde o açafraão e os jacintos de doce aroma florescem ao acaso sobre a relva. Cantam sobre os deuses abençoados e sobre o alto Olimpo e decidiram louvar um em especial mais do que todos, Hermes, o que dá sorte, como ele é o rápido mensageiro de todos os deuses, e como veio para a Arcádia, a terra de muitas nascentes e mãe dos rebanhos, ali onde se encontra o seu lugar sagrado como deus de Cilene. Porque ali, embora sendo deus, costumava tratar dos velos encaracolados dos carneiros ao serviço de um homem mortal, porque sobre ele caiu o desejo forte e ardente de se casar com a filha de Dripos de ricas tranças, e ali conseguiu o alegre casamento. E em casa ela deu a Hermes um filho querido que desde o nascimento era belíssimo de ver, com pés de bode e dois cornos – uma criança barulhenta e muito alegre. Mas quando a ama lhe viu a cara grosseira e barba adulta, teve medo e deu um salto e fugiu e abandonou a criança. Então Hermes, aquele que traz sorte, recebeu-o e assentou-o ao lado de Zeus e mostrou-o ao resto dos deuses. Então todos os imortais ficaram contentes no coração e o báquico Dionísus em especial; e chamaram ao rapaz Pan, porque lhes alegrou os corações.» Tradução livre de : XIX. To Pan (ll. 1-26) «Muse, tell me about Pan, the dear son of Hermes, with/ his goat's feet and two horns -- a lover of merry noise. Through/ wooded glades he wanders with dancing nymphs who foot it on some/ sheer cliff's edge, calling upon Pan, the shepherd-god, long-/ haired, unkenpt. He has every snowy crest and the mountain peaks/ and rocky crests for his domain; hither and thither he goes/ through the close thickets, now lured by soft streams, and now he/ presses on amongst towering crags and climbs up to the highest/ peak that overlooks the flocks. Often he courses through the/ glistening high mountains, and often on the shouldered hills he/ speeds along slaying wild beasts, this keen-eyed god. Only at/ evening, as he returns from the chase, he sounds his note,/ playing sweet and low on his pipes of reed: not even she could/ excel him in melody -- that bird who in flower-laden spring/ pouring forth her lament utters honey-voiced song amid the/ leaves. At that hour the clear-voiced nymphs are with him and/ move with nimble feet, singing by some spring of dark water,/ while Echo wails about the mountain-top, and the god on this side/ or on that of the choirs, or at times sidling into the midst,/ plies it nimbly with his feet. On his back he wears a spotted/ lynx-pelt, and he delights in high-pitched songs in a soft meadow/ where crocuses and sweet-smelling hyacinths bloom at random in/ the grass.» in <http://sunsite.berkeley.edu/OMACL/Hesiod/hymns.html>;
- [57] <http://www.theoi.com/Kronos/Pan.html>;
- [58] *Encyclopedia Britannica Standard Edition* 2004;
- [59] Pausanias, *Description of Greece*, 8.26.2 – <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+8.26.2>;
- [60] Apolodoro, <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Apollod.+vol.+1.27>;
- [61] «Thence you will ascend by stairs to a sanctuary of Pan. Within the sanctuary has been made a portico, and a small image; and this Pan too, equally with the most powerful gods, can bring men's prayers to accomplishment and repay

- the wicked as they deserve. (6.40)» Paus., 8.37.11 – 11, <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Apollood.+vol.+1.27>;
- [62] «*But when all the fruits of the earth were perishing, and the human race dying yet more through famine, no god, it seemed, knew where Demeter was in hiding, until Pan, they say, visited Arcadia.* (2.88)», Paus. 8.42.2 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+8.42.2> e <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+2.24.6>;
- [63] Paus. 1.32.7 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+1.32.7>;
- Paus. 8.24.4 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+8.24.4>;
- Paus. 8.36.8 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+8.36.8>;
- [64] Paus. 8.54.4 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+8.54.4>;
- [65] Paus. 2.32.6 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+2.32.6>;
- Paus. 8.36.7 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+8.36.7>;
- Paus. 8.38.5 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+8.38.5>;
- [66] Paus. 1.32.7 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+1.32.7>;
- [67] - Paus. 10.23.7 - <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/text?lookup=Paus.+10.23.7>;
- [68] Ovídio, *Metamorfoses*, livro 1 - 5.37: «*There was yet more behinde to tell: as how that Syrinx fled,/ Through waylesse woods and gave no eare to that that Pan had sed,/ Untill she to the gentle streame of sandie Ladon came,/ Where, for bicause it was so deepe, she could not passe the same, / She piteously to chaunge hir shape the water Nymphes besought:/ And how when Pan betweene his armes, to catch the Nymph had thought,/ In steade of hir he caught the Reedes newe growne upon the brooke,/ And as he sighed, with his breath the Reedes he softly shooke /Which made a still and mourning noyse, with straungnesse of the which / And sweetnesse of the feeble sounde the God delighted mich,/ Saide: Certesse, Syrinx, for thy sake it is my full intent,/ To make my comfort of these Reedes wherein thou doest lament:/ And how that there of sundrie Reedes with wax together knit,/ He made the Pipe which of hir name the Greekes call Syrinx yet.*» in <http://classics.mit.edu/Ovid/metam.1.first.html>;
- [69] Pã, o único deus que morre: <http://abrax7.stormloader.com/panic.htm>;
- [70] in Virgílio, *Eneida* - livro 8, vv. 337: «*Next the vast grove was seen, where Romulus/ ordained inviolable sanctuary;/ then the Lupercal under its cold crag,/ Wolf-hill, where old Arcadians revered / their wolf-god, the Lycaean Pan. Here too / the grove of Argiletum, sacred name,/ where good Evander told the crime and death / of Argus, his false guest./*», in <http://classics.mit.edu/Virgil/aeneid.8.viii.html>;
- [71] Para mais informações: <http://www.theoi.com/Kronos/Pan.html> e <http://ww2.netnitco.net/users/legend01/goat.htm>;